

VISÃO DO CORREIO

Câncer de mama exige rede ampliada de cuidados

Entre os tumores mais prevalentes do mundo, o câncer de mama revela-se ainda mais desafiador quando analisado a partir de uma perspectiva ampliada. Os impactos da vida moderna, a desinformação em saúde, as carências na assistência pública, as concepções de gênero e até mesmo a falta de pesquisas científicas que considerem características próprias das brasileiras compõem uma coleção de fatores que leva o país a registrar, todos os anos, 73 mil casos da doença e 20 mil mortes. São, em média, 200 diagnósticos por dia e 55 óbitos. Indiscutivelmente, um cenário que exige uma rede integrada de cuidados.

Motivado por essa perspectiva, o **Correio Braziliense** promoveu, na última quarta-feira, a terceira edição do *CB Debate* sobre câncer de mama, iniciativa que aproxima o olhar apurado de especialistas às demandas e impressões do público em geral. À miscelânea de dificultadores já citados soma-se outro fator discutido no encontro que evidencia a urgência de novas práticas no enfrentamento à doença: o aumento da incidência desses tumores em mulheres mais jovens.

Hoje, no Brasil, 30% das pacientes têm menos de 50 anos — o equivalente a 21.900 diagnósticos por ano ou 60 novos casos por dia. São mulheres que, no auge da vida produtiva, se veem acometidas por uma doença que, mesmo com todos os avanços terapêuticos, exige uma mudança brusca na rotina e traz consigo uma pesada carga emocional e cultural. Para piorar, em ao menos metade dos casos, essa realidade se impõe com um câncer em estágio avançado.

Nesse sentido, o governo federal acerta ao adotar nova diretriz de rastreamento do câncer de mama, acompanhando recomendações de sociedades médicas nacionais e internacionais. A partir deste mês, a mamografia passa a ser recomendada aos 40 anos — 10 anos antes do protocolo anterior — mesmo

sem sintomas ou sinais da doença. A expectativa é de que a medida ajude o país a “garantir que as mulheres tenham acesso ao exame no momento certo e ao início do tratamento o mais rapidamente possível”, nas palavras do ministro da Saúde, Alexandre Padilha.

Trata-se de grande empreitada. Considerando o protocolo antigo, de 50 anos, apenas um terço do público-alvo realiza a mamografia anualmente no país, estima o Inca. Quanto ao tratamento, a incorporação de terapias mais modernas ao SUS tem avançado nos últimos anos, mas peca-se na distribuição das opções terapêuticas. Mudar-se para grandes cidades em busca de cura é decisão comum entre pacientes oncológicos — a Fiocruz estima que mais da metade enfrenta essa realidade —, comprometendo, inclusive, as taxas de sobrevivência.

No caso das mulheres, tanto o deslocamento forçado quanto a adoção de hábitos preventivos esbarra ainda em dilemas como as responsabilidades com a família e a falta de acolhimento dos parceiros. “Como cobrar a prática de jornadas duplas ou triplas, cuidada da casa, das crianças, acorda cedo e trabalha até tarde? Que horas ela vai conseguir se exercitar ou fazer uma mamografia? (...) Precisamos lembrar que falta apoio para essas mulheres”, ressaltou, no CB Debate, o oncologista Cristiano Resende.

Não sobram evidências científicas de que suporte ampliado e diagnóstico precoce salvam vidas. Descoberto em fase inicial, o câncer de mama tem taxa de cura superior a 90%. A prática de exercícios físicos reduz em 40% a chance de a doença surgir ou voltar. Associa-se a solidão a um risco até 60% maior de recidiva de tumores malignos. É validada, portanto, a importância do apoio integral para frear o tumor que mais mata as brasileiras. O Brasil tem a obrigação de fortalecer essa rede de cuidados.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Lixo

Lixo mal separado é risco para as águas subterrâneas do Distrito Federal. Esse é um trabalho de conscientização social permanente. A população do DF está crescendo desenfreadamente, e o lixo, também. Cabe a todos os órgãos desenvolver políticas públicas, projetos sociais, para que a sociedade entenda a importância de separar o lixo.

» Hellen Mello

Brasília

Natureza

Lendo a matéria sobre a Escola da Árvore, eu me recordo do dia em que a equipe do Correio Braziliense visitou a escola. Foi uma tarde de muitas perguntas, dúvidas, trocas, e agora posso constatar o quanto a matéria ficou fidedigna a tudo que foi conversado. Uma reportagem fiel ao vivido, com cuidado ao narrar aspectos da Proposta Pedagógica da escola e com as observações sensíveis sobre a história e o cotidiano. Obrigada a toda a equipe envolvida neste processo; e estamos de portas abertas sempre que quiserem viver e conversar sobre um projeto educativo comprometido com a justiça social e com a natureza.

» Leticia Araújo

Núcleo Rural Jeriva A.
Lago Norte

Bebidas alcoólicas

A onda de distribuidoras de bebidas no DF pode virar um problema de saúde pública e também social. Só na Rua 5, em Vicente Pires, mais de 10 distribuidoras disputam, quase lado a lado, o consumo de bebidas alcoólicas até altas horas da noite. A vizinhança fica refém desse público, muitas vezes alterado e agressivo. Não sou contra o consumo de bebidas alcoólicas, mas se faz urgente a adoção de medidas de controle desses comércios (muito irregulares), o que eles vendem. Não falo também de metanol, mas da simples adulteração de bebidas com qualquer substância, tão comum pelo país. Um negócio de lucro fácil e, muitas vezes, ligado ao crime organizado.

» João Donato

Vicente Pires

Imprensa

Há poucos dias, fiz uma viagem turística pela Europa. Tenho o hábito

de comprar jornais locais, mesmo sem o mínimo domínio de seus idiomas. Meu interesse, como um dos últimos dos moicanos a ler jornais impressos, é observar sua disposição gráfica, ilustrações, articulistas, carta de leitores, publicidade, fotos, charges, valor etc. Isso pode ser em Paris ou Quixeramobim. Não sou jornalista nem especialista em imprensa. É simplesmente apreço. Com ajuda de tradutores on-line, dou uma sapeada nos títulos das matérias, manchetes, artigos... Tendo, assim, uma noção do perfil desses periódicos. Lógico que, em poucas edições, não dá para ser definidor. Adquiri *Corriere della Sera-Roma*, *Público* e *Diário de Notícias-Portugal*, *Aksam* e *Cumhuriyet-Turquia*. Como conheço os principais jornais do Brasil, **Correio Braziliense**, *Folha de São Paulo*, *O Globo* e *Estadão*, tive uma razoável ideia comparativa. Não deixamos nada a desejar. Pela assiduidade como leitor, considero o **Correio** bem ilustrado e diagramado. Me perguntava: cadê a charge do Kleber, a crônica do Severino, os artigos de Cristovam Buarque, as ilustrações do Maurice-Pacífico-Gomez?

» **Eduardo Pereira**
Jardim Botânico

Interferência

O jornalista André Gustavo Stumpf, arguto analista, que sempre escreve com exatidão e veracidade, no artigo “O perigo que vem do Norte” (4/10) discorre sobre o panorama da eleição presidencial de 2026 e lembra que os americanos gostam de interferir na eleição alheia. Por causa dessa mania, existe o risco de tentarem modificar o resultado da eleição aqui. Nada mais realista. Sua afirmação é confirmada pela declaração do ministro Luís Roberto Barroso, dada em 13/5/2025, de que ele mesmo, quando presidente do Tribunal Superior Eleitoral, tomou a iniciativa de pedir ao governo americano e ao Departamento de Estado apoio à institucionalidade e à democracia no Brasil e asseverou que a “interferência americana” foi decisiva para evitar um golpe de Estado. Portanto, a citação do jornalista não só tem base na realidade, como na prática aconteceu em 2022, só que não por abuso dos americanos, mas surpreendentemente por apelo do próprio país a ter seus resultados garantidos. E aí vem a contradição: se o apoio americano foi suplicado em 2022, por que seria vilania em 2026? A soberania eleitoral já foi entregue mesmo!

» **Roberto Doglia Azambuja**

Asa Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Um país com tanto órgão fiscalizador, tanta burocracia, tanta regulamentação e, ainda assim, a crise sanitária do metanol acontece. Algo está errado!

Ricardo Santoro — Lago Sul

A onda do metanol em bebidas, com morte e graves danos à saúde, indica que tem algo falho no sistema de fiscalização do que chega ao consumidor.

Mariana F. Santos — Vila Planalto

A formiga que fermenta o iogurte também fermenta a coragem de olhar para a natureza com menos nojo e mais curiosidade.

Cada receita ancestral é um abraço entre gerações!

Pacelli M. Zahler — Sudoeste

Metanol: se Bolsonaro fosse presidente, pediria para a população tomar cloroquina antes de ir para o bar, que a economia não pode parar. E que ele se fosse acometido, pelo histórico de atleta, seria apenas uma ressaquinha.

Vital Ramos de V. Júnior — Jardim Botânico

Lula-Tebet e Tarcísio-Michelle. Aguardo ansiosamente o debate entre Tebet e Michelle.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Oscar Piastrí é um grande e notável talento, tem tudo para ser um campeão legítimo na Fórmula 1. Piastrí, sorte de campeão.

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte



ANA DUBEUX
anadubeux.correio@gmail.com

O sotaque tem poder

Estou há décadas em Brasília, mas minha fundação, digamos assim, é pernambucana (por nascimento) e alagoana (origem dos meus pais e irmãos). Meu sotaque segue acentuado desde sempre e não é por acaso. Ele me pertence tanto quanto eu a ele. Entendo o sotaque como identidade, que extrapola o sentido da audição. Não é só voz, mas atitude. Eu consigo ver o sotaque. E, nos últimos dias, vi muitos deles, sobretudo os nordestinos, em palcos, palestras, eventos, conversas. Digamos que fiquei impregnada, com cheiro de Nordeste.

Quando fui chamada ao palco para receber o prêmio de jornalista mais admirada na categoria “Áudio e Texto” do Prêmio 100 Admirados Jornalistas Brasileiros de 2025, não era apenas minha persona diretora de Redação, éramos eu, meu sotaque, meu Pernambuco, a Alagoas dos meus pais, a Brasília dos meus filhos. Toda a diversidade que mora em mim e também minha subjetividade. Nunca seremos um papel em branco, uma voz neutra, um cargo ou uma profissão.

Agradeço ao *Jornalistas&Cia*. e a todos que votaram em meu nome. No momento de agradecer no palco não pude deixar de oferecer esse prêmio a todas “as mulheres nordestinas, jornalistas nordestinas, e também às mulheres que, como eu, têm mais de 60 anos e estão dentro das redações, batalhando e transformando a nossa realidade, mudando uma história que antes a gente não conseguia enxergar”.

O que a gente não conseguia enxergar era de onde vinha tanto preconceito, inferiorização, subalternidade contra os nordestinos. Hoje publicamos uma entrevista com Octávio Santiago, autor de *Só sei que foi assim - A trama do preconceito contra o povo do Nordeste*, feita por Severino Francisco. O livro é fruto de um doutorado do escritor, mas também de uma indignação dele próprio, cansado de piadas e comentários depreciativos. É

um mergulho profundo nas causas, como diz o autor na entrevista, é uma “luz na sala”, um lampejo de conhecimento que pode iluminar um caminho de desconstrução de preconceitos estruturais. A primeira pessoa a me falar sobre o livro de Santiago foi uma das colegas que concorriam ao prêmio do J&C, a cearense Maristela Crispim, fundadora e editora-chefe da Eco Nordeste, agência de notícias sobre desenvolvimento sustentável formada por jornalistas mulheres.

Ouvi falar pela segunda vez do livro, que por coincidência já estava nas mãos de Severino, no REPCOM Brasília, evento promovido pelo grupo FSB para debater reputação e comunicação pública. Comentava com uma colega justamente a profundidade de sotaques e a importância disso para abraçar múltiplas realidades e aprender com todas elas.

Do sotaque baiano do ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, Sidônio Palmeira, ao de Karla Rubilar, ex-ministra do presidente chileno Sebastián Pinera, passando pelo de Roger Fisk, estrategista de comunicação do governo Barack Obama, ouvimos muitas palavras, com idiomas e sotaques diferentes, sobre reputação e sobre os desafios da comunicação nos tempos atuais.

Algumas ficaram na minha mente, como a de Sidônio: “O grande desafio é como fazer a verdade ser mais interessante que a mentira”. Temos de fato de virar essa chave e conseguir fazer uma comunicação cidadã e próxima das pessoas com verdade.

Isso passa por expurgar preconceitos, reconhecer o imenso potencial criativo de todo o povo brasileiro e trazer mais sotaques para a roda em posições estratégicas e de poder. Não há nada mais forte no povo brasileiro que a sua diversidade. Precisamos valorizar isso em todas as áreas do conhecimento.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h. Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568. E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br